

COMENTÁRIO BÍBLICO

30º Domingo Comum – Ano A

25out2020

Rute 2,1-13; Salmo 128; 1 Tessalonicenses 2,1-8

S. Mateus 22,34-46

³⁴Os fariseus reuniram-se ao saberem que Jesus tinha deixado os saduceus sem resposta. ³⁵Então um deles, que era doutor da lei, fez-lhe esta pergunta para o pôr à prova: ³⁶«Mestre, qual é o mandamento mais importante da lei?» ³⁷Jesus respondeu-lhe: «Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a alma e com todo o entendimento. ³⁸Este é que é o primeiro e o mais importante dos mandamentos. ³⁹O segundo é semelhante a este: Ama o teu próximo como a ti mesmo. ⁴⁰O essencial de todo o ensino da lei e dos profetas está nestes dois mandamentos.» ⁴¹Como os fariseus se encontravam reunidos, Jesus fez-lhes esta pergunta: ⁴²«Qual é a vossa opinião sobre o Messias? De quem é ele filho?» ⁴³E responderam: «É Filho de David!» Jesus replicou: «Nesse caso, como é que David, inspirado pelo Espírito Santo, lhe chama Senhor, ao dizer: ⁴⁴Deus disse ao meu Senhor: Senta-te á minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? ⁴⁵Ora se David lhe chama Senhor, como pode o Messias ser seu filho?» ⁴⁶E não houve quem lhe pudesse responder. Dali em diante ninguém mais se atreveu a fazer-lhe perguntas.

1. Os fariseus e os saduceus sempre a procurarem 'entalar' Jesus! Desta vez com a pergunta sobre o mandamento mais importante da Lei. Hoje até nos parece razoável e pertinente, sem ponta de malícia. Mas se contextualizarmos a pergunta, então, perceberemos a questão que encerra. Vejamos.

Os chefes ou estudiosos da religião judaica (rabinos) estabeleceram uma distinção entre mandamentos "grandes" e "pequenos" da Torá (o Pentateuco) que continha 248 preceitos e 365 proibições. Mas, havia ainda quem considerava que os pequenos preceitos eram muito importantes também. Isto é, na altura, a controvérsia era forte entre os entendidos da Lei para definir qual dos preceitos era o 'maior' (José M^ª. Castillo). Ora, ao perguntar-se a Jesus qual era o mandamento mais importante estava a colocar-se o Mestre no centro dessas controvérsias sujeitando-O à confrontação com influentes grupos de interpretação da Lei.

Em resposta, Jesus apresenta a confissão de fé tradicional de Israel, conforme S. Marcos 12, 29-30: «Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento» (Deuterónimo 6, 4-5). É a *Shemá* (palavra hebraica que significa "Ouve") que faz parte da oração diária de todo o judeu piedoso. Começa com uma declaração de monoteísmo – o *único Senhor* – o que requer do povo dedicação e amor exclusivos.

2. Jesus, de forma clara, resolveu literalmente a questão indicando o que considerava «o primeiro e o mais importante dos mandamentos»: o amor a Deus, de todo o nosso ser, com toda a nossa vontade, apesar dos obstáculos; do mais fundo do nosso íntimo, mesmo quando as circunstâncias nos fazem tremer; num olhar aberto e racional perante a nossa vida. Mas, repare-se, não é uma proposta a escolher, é um mandamento, que corresponde ao amor de Deus pelo povo de Israel (Deuterónimo 4, 37; 7, 8; 10, 15) e inclui o temor de Deus, a obrigação de servi-Lo e

observar os Seus preceitos. Para nós, cristãos, o mandamento mantém-se, não já porque fomos libertados do Egito, mas porque «*Deus é Amor*» e manifestou esse Seu amor por nós enviando o seu Filho único ao mundo «*para que vivamos por ele*» (I João 4, 8-9). Ou seja, Deus «*amou-nos primeiro*» (I João 4, 19) e faz participar do Seu amor todo(a) aquele(a) que aceita ser filho de Deus e que crê em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. O que nos compete é responder-Lhe com um amor filial, de temor religioso, mas que exclui o temor servil, o medo de ser condenado por Deus (I João 4, 18).

Mas, Jesus vai mais longe na resposta ao doutor da Lei. Acrescenta ao amor a Deus o amor ao próximo, citando Levítico 19, 18, exatamente: «*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*». E, ainda, declara que o mandamento do amor ao próximo está no mesmo patamar de importância do mandamento do amor a Deus. Ao fazê-lo, Jesus une o “divino” ao “humano” e torna-os inseparáveis num contexto da economia da salvação. Estabelece, assim, uma relação de complementaridade entre a religião e a ética verdadeiramente nova na história das tradições religiosas da humanidade. A partir daqui é um engano pensar-se que alguém possa estar em boa relação com Deus se se relaciona mal com quem convive ou é indiferente às necessidades dos outros que a vida põe no seu caminho. Na continuidade desta doutrina, anos mais tarde, o Evangelista S. João na sua primeira Carta aborda esta questão de modo bem simples: «*Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, e odiar o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê*». E conclui, assumindo inteiramente o ensino de Jesus: «*Este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus, que ame também a seu irmão*» (I João 4, 20-21).

3. Amar é a palavra central na declaração de Jesus: amar a Deus e amar ao próximo. Ora, o próximo não é mais, como no Levítico, o membro do próprio povo, mas todo o membro da família humana, unificada em Cristo (Romanos 13, 10).

Não obstante andarmos por tudo e por nada com a palavra “amor” na boca, a maior e verdadeira dificuldade da nossa relação pessoal é “amar”, isto é, dádiva e entrega de corpo e alma entre quem ama e quem é amado. Ser amado(a) não depende de nós, pode ou não estar inscrito no coração de quem nos rodeia, com quem fazemos vida, depende de circunstâncias várias que não dominamos. Porém, amar é uma escolha que depende de cada um(a). Para uns pode ser natural, como paisagem de encantamento com rio de águas mansas e límpidas a correr pelo vale. Mas, para outros, pode exigir escolhas difíceis, comprometedoras e dolorosas. Madre Teresa de Calcutá terá dito “para que o amor seja verdadeiro tem de nos doer”, querendo significar que amar implica a dor do esvaziamento de nós próprios para nos preenchermos com a dádiva ao outro: a incomodidade pessoal perante a dádiva de atenção exigente e pronta; a aceitação silenciosa ou o esquecimento de uma palavra ou atitude injustas; a partilha do que é nosso e nos custou adquirir com quem no momento mais precisa. Numa palavra, um estar descentrado de nós próprios para redobrar a atenção disponível para os outros. Por isso, e perante esta dor de amor no relacionamento pessoal, a mesma Madre avisa: “É fácil amar os que estão longe. Mas nem sempre é fácil amar os que vivem ao nosso lado”.

Amar é uma aprendizagem que nunca acaba. Começa com a atenção com que nos dispusermos a ouvir o próximo e continua na nossa disponibilidade para contribuir para a sua felicidade.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana